

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

25 de Setembro a 8 de Outubro de 2018 | Nº 170 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

.... Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

Pág.
12

A poética de Neto

em busca da identidade cultural angolana



ECO DE ANGOLA

Pág.
3 e 5



Cineasta do Lubango
cria imagética
de Huilawood

LETRAS

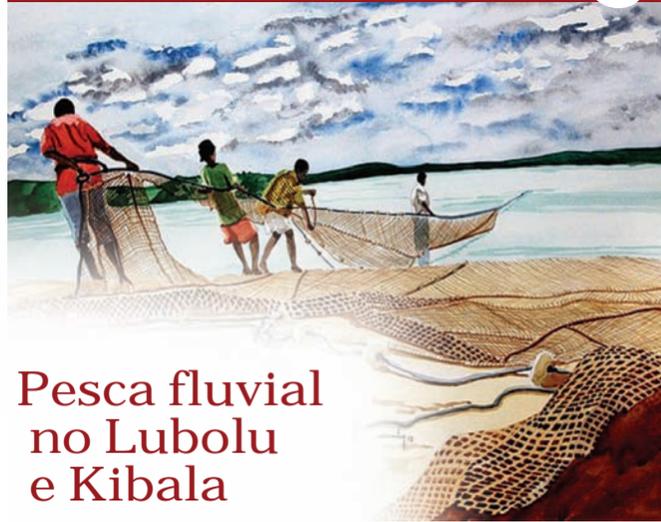
Pág.
6 a 9



Pepetela
apresenta
“Sua Excelência,
de Corpo Presente”

PATRIMÓNIO CULTURAL

Pág.
11



Pesca fluvial
no Lubolu
e Kibala



José Luís Mendonça

MINISTRO DO SENTIMENTO

Eu sou o novo ministro
titular de uma pasta
que nunca se viu na História

Sou ministro do Sentimento
coisa rara nestes dias
em que todo o discurso é dinheiro

até amar ninguém ama
sem bué de cumbu no cartão
e mesmo na hora da morte
andam família e amigos
a juntar dinheiro pro comba
o banco do espírito santo
ficou sem o dinheiro do céu
e o dinheiro do Soberano
anda agora no paraíso

por isso eu me fiz ministro
de uma pasta inexistente
para surpresa geral do povo
e do próprio presidente:
ministério do Sentimento

criei cinco gabinetes:
direcção nacional de Ética
laboratório da Honestidade
construção da Solidariedade
fomento do Humanismo
e escola de Patriotismo

mesmo não sendo empossado
no Palácio da Cidade Alta
o presidente me deu o mandato
de erguer a nova Angola
aqui mesmo onde eu estou:
cada vez que dou um passo
os meus sentimentos penetram
nos olhos de quem me vê
no espírito dos decretos
no carimbo da administração
no olho cego da justiça
e no porrete da polícia

o meu ministério é o único
que não recebe dinheiro
do orçamento do Estado
a nossa rubrica é somente
o sentimento da Ética
e a honesta visão de florir
o chão queimado de Angola

Eu sou o novo ministro
titular de uma pasta
que nunca se viu na História

Sou ministro do Sentimento
coisa rara nestes dias
em que todo o discurso é dinheiro

Huambo, 16 de Setembro de 2018

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior
José Alberto Domingos
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva
Catarina Vieira Dias da Cunha

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 170/Ano VII/ 25 de Setembro a 8 de Outubro de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online:

Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Analtino Santos, Domingas Monte, Lito Silva, Mário Pereira, Soberano Kanyanga, Vítor Burity da Silva.

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha Correo da Unesco, Modo de USAR & CO e Obvious Magazine

A poética de Neto: em busca da identidade cultural angolana



DOMINGAS MONTE

INTRODUÇÃO

O contexto da criação poética de Agostinho Neto é de alienação identitária, cultural, económica e política, ou seja, o da colonização, imposta pelo expansionista português, daí a necessidade de um despertar para reivindicar os direitos autóctones e libertar, num primeiro plano as mentes alienadas e escravizadas; e num segundo plano lutar em busca de uma identidade destruída e manietada pelos ideais da colonização, culminando assim com a libertação do povo angolano e o alcance da tão sonhada e desejada independência.

A temática dos seus textos gira em torno daquilo que foi o sistema colonial português vigente na época; onde as atrocidades de toda a sorte foram reiteradamente cometidas ao povo angolano, na medida em que estava privado de um bem universal, a sua liberdade, tanto cultural, social, económica e política. O povo estava refém à barbárie do seu opressor, e era preciso libertar-se. Porém essa gigantesca tarefa passava, por despertar a mentalidade colectiva do marasmo a que estava mergulhado, e a poesia constituiu-se como uma das armas de combate.

Nessa senda, os intelectuais angolanos usam-na para reivindicar os seus direitos, mostrando a sua insatisfação perante a crueldade do colonizador: “Impaciente-me nesta mornez histórica/das esperas e de lentidão/quando apressadamente são assassinados os justos/quando as cadeias abarrotam de jovens/espremidos até à morte contra o muro da violência”.

A POÉTICA DE NETO

Numa abordagem realística podemos afirmar que a poética netiana reflecte a insatisfação de todo um povo, que emergiu do lamaçal para reivindicar aquilo que representavam os seus direitos inalienáveis e imutáveis consagrados na carta universal dos direitos humanos. Ela representa um postulado do pensar e do agir do povo angolano, diante dos factos e da necessidade da busca e da implantação da afirmação identitária representativa das culturas de Angola; “À frescura da mulemba/ às nossas tradições/ aos ritmos e às fogueiras/ havemos de voltar”.

O realismo que atravessa a obra de Neto é evidente na medida em que retrata com clareza e de forma episódica o sofrimento do povo angolano. Pois nela encontramos, a exploração, a repressão e mais marcadamente a alienação quer política, social e cultural, numa tentativa de aniquilamento total das culturas angolanas. Porém, apesar da submissão forçada, do in-

fortúnio, da miséria e da barbárie o poeta transmite uma mensagem de amor, solidariedade e de esperança, buscando consciencializar e exortar às massas para a luta que se impunha: a luta para a libertação de Angola; para esquecer a nudez e a fome dos filhos/ e sintas contigo a vergonha/ de não ter pão para lhes dar/ para que juntos vamos cavar a terra/e fazê-la produzir”.



Agostinho Neto e sua Mãe

A escrita netiana é de tal modo importante que representa, fundamentalmente em *Sagrada Esperança*, o poema épico da angolanidade como afirma Laranjeira (1995:92), “*Sagrada Esperança* constitui como que o texto épico da angolanidade. Podemos compará-lo, no caso angolano, com as devidas distâncias temporais, espaciais e culturais, ao caso português de *Os Lusíadas*. Nele se encontram temas da alienação social, cultural e política, da exploração económica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução. *Sagrada Esperança* pode ser lido como um fresco ou uma saga exortativa do povo angolano à conquista da sua identidade e independência”.

Com efeito, necessário era, reconstruir a identidade angolana para a sua afirmação total, pois ela abarca uma série de reclamações inerentes a cada povo, como afirma Hall (2012:13), “com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identi-

tário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável”. Como se pode ler nos seguintes versos: ansiedade/ nos batuques saudosos/dos kiocos contratados/ formando lá do acampamento/ o fundo de todo o ruído; no homem/ que consulta o kimbanda/ para conservar o emprego/ na mulher/ que pede drogas ao feiticeiro/ para conservar o marido/ na mãe/ que pergunta ao adivinho/ se a filhi-

nha se salvará/ da pneumonia/ na cubata/ de velhas latas esburacadas/.

O regime colonial português chegou a acometer os autóctones a todo tipo de crueldade, podendo ser colocada na ordem da perversidade e da malignidade. Foi um sistema que usurpou tudo ao angolano (sua cultura, sua identidade e sua autoridade), tornando-o refém ao sistema e até mesmo aos seus devaneios, obrigando-os a aderir às suas vontades, num processo que se denominou “assimilação”, deturpando as suas tradições e culturas.

De acordo com Ne-Tava (vide *blogmwelowo*), “é um projecto que foi implementado propositadamente pelo sistema colonial, nesse caso o sistema colonial português, que quis reduzir, senão aniquilar as culturas africanas. E esse projecto teve altos níveis de êxitos, se assim posso dizer, êxitos com certeza muitos maiores e firmes, muito mais fortes em relação com aquilo que os outros colonizadores conseguiram fazer. A colonização portuguesa chegou mesmo a destruir, de maneira muito mais visível, parte essencial daquilo que são as culturas africanas tradicionais”.

Poesia engagé e de combate; de índole acusatória, inflamada e violenta

em alguns versos, ela visava o branco colonialista; nunca mataram pretos a golpes de cavalo marinho/para lhes possuírem as mulheres/ nunca extorquiram propriedades a pretos/ não tendes, nunca tivestes filhos com sangue negro/ ó racistas de desbragada lubricidade. Porém, também apelava à consciencialização do povo negro no sentido de assumirem a identidade e cultura angolanas. Aqui, o poeta assume uma consciência política e evidencia um dom profético: “sou aquele por quem se espera”. O instinto heróico o instava e o colocava na linha de combate.

Nesta perspectiva Ne-Tava (vide *blogmwelowo*) afirma, “Essa consciência política já não podia aceitar a submissão imposta por outro povo, que invade que pisa e procura aniquilar o indivíduo, começando pelo cultural, continuando pelo político e acabando pelo económico. É nesse sentido que Agostinho Neto escreveu “*Sagrada Esperança*” (a palavra já está lá, “esperança”) e a “*Renúncia Impossível*”, texto que não podia, assim como era forte, denunciador ser publicado naquela época da dominação colonial. Ele mostrou essa convicção, esse ideal, de libertação de um país, de um povo, para que retomasse as suas raízes identitárias e continuasse triunfante no caminho para a libertação nacional e a independência. É isso que foi feito em colaboração com outras forças, outros lutadores, outros heróis, muitos dos quais tombaram e até foram mesmo esquecidos”.

As vozes multiplicavam-se e uniram-se em prol de um objectivo comum, a libertação do jugo colonial, denunciando as barbáries do colonizador. Havia necessidade de lutar para as várias conquistas que se impunham, e uma delas é a afirmação da identidade cultural angolana. O resgate cultural passava pela redescoberta da história e das culturas africanas, como apregoava o movimento da negritude. E no caso angolano, o movimento dos novos intelectuais de Angola propunhamos descobrir Angola, para fundamentar as suas reivindicações com vista a afirmação identitária dos povos de Angola, como se pode ler nos seguintes versos; à bela pátria angolana/ nossa terra, nossa mãe/ havemos de voltar/ Havemos de voltar/ à Angola libertada/ Angola independente. Unidade cimentada pelo sangue/ União plantada sobre a terra/ Germinando no meu

gesto/ Crescendo na minha voz/ Gritando no teu olhar.

Portanto, podemos considerar que Neto mostra aqui e isso é decorrente em toda a sua obra literária, a insatisfação de todo um povo com relação à escravidão imposta pelo sistema colonial português. O poeta assume na condição de líder, o papel de conduzir

as massas para a conquista da identidade cultural e, essencialmente da independência do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, podemos afirmar que Agostinho Neto e os seus contemporâneos deixaram-nos um legado inabalável, inalienável e imutável; a libertação da

exploração colonial e consequente alcance da independência nacional, que foi conseguida com lágrimas, prisões e sangue. Eles lutaram pelos ideais e convicções de todo um povo.

A poética de Neto constitui-se assim, e nessa perspectiva, como uma arma de combate, pois as ideologias foram amplamente veiculadas; por um lado para reivindicar os direitos inalienáveis do povo angolano, e por outro lado para consciencializar os autóctones sobre o problema que os enfermava e da necessidade de busca pela independência, o que acabou por acontecer no dia 11 de Novembro de 1975, tendo para isso, tombado muitos filhos dessa pátria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LARANJEIRA, Pires, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

NETO, Agostinho, *A Renúncia Impossível, união dos escritores angolanos*, Luanda, 2014.

NETO, Agostinho, *Sagrada Esperança, união dos escritores angolanos*, Luanda, 2014.

RODRIGUES, Catarina Isabel Silva, *A Renúncia Impossível de Agostinho Neto: um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico*, Coleção Novo Rumo, Luanda, 2014.

TOMAZ, Tadeu da Silva (org), *Identi-*

dade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais, Editora Vozes, São Paulo, 2012.

Domingas Henriques Monteiro (Domingas Monte) nasceu em 1982, na província Uíge. É licenciada em Línguas e Literaturas Africanas, pela Universidade Agostinho Neto, Mestre em Estudos Literários Culturais e Interartes (Faculdade de Letras de Universidade do Porto) com a tese: *Tradições Nacionais e Identidades: Recolha e Estudo de Canções Festivas e de óbito Kongo e Ovimbundu*.

É professora na Universidade Agostinho Neto, no Departamento de Línguas e Literaturas Africanas, da Faculdade de Letras.

Criou um Blogue e associação, MweleWeto, do qual é, também, administradora. Este é dedicado ao espaço africano, em geral; no entanto, pelo conhecimento pessoal que tem do seu país, particulariza o lado angolano, a sua língua, cultura, literatura e tradições.

Autora do livro infanto-juvenil "O Gelado de Múkwá da Mamita". É co-autora do romance interativo *O cruzeiro da morte e das antologias Sonhos sem fronteiras e O Perfume. Tem, ainda, poemas publicados na colecção Crónicas e Contos EL DORADO e um conto na Antologia de Poesia e Prosa ARTE DE VIVER, ambos da Celeiro de Escritores do Brasil*.



Primeiro Governo da RPA frente a Câmara Municipal de Luanda 1975

Afrikans on Film Festival de Londres passa curta metragem nascida na Huíla

Cineasta do Lubango cria imagética de Huilawood

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

A curta-metragem "Tchikena" é a primeira experiência cinematográfica da Filmes Sem Futuro. É também (provavelmente) o 1º filme angolano totalmente filmado com um Smartfone.

Com a duração de 8 minutos, a curta foi feita com base nas características do "assalto" (termo calão utilizado pelos grupos de teatro angolanos para caracterizar uma cena feita de improvisado, espontânea e sem artifícios técnicos).

O filme conta a história de Tchikena, um rapaz que sai da zona rural para a cidade na tentativa de procurar emprego e consequentemente uma vida melhor. Uma vez na cidade, Tchikena chega à conclusão que procurar emprego na cidade não é fácil, pois em todos os locais que procura emprego dificultam-lhe a vida...

ELENCO: Helder Cerejo, António Haleca, António Yakassi, Frederico Medeiros, Gabriela Ferreira, Lucas Massualali, Marta Canhangá.

O filme, uma produção da Filmes

Sem Futuro, entidade da Sétima Arte fundada por Nuno Barreto, foi presente à sétima edição do Afrikans on Film Festival de Londres, que decorreu nesta cidade europeia, a 8 de Setembro deste ano.

Matchituka

Filmes Sem Futuro também conseguiu levar ao festival internacional de cine e vídeo experimental "Bideodromo", de Bilbao, Espanha, outra produção cinematográfica, intitulada Matchituka, que foi seleccionada para o evento.

Ao deparar-se com um tentador cartaz a promover a caça a um MATCHITUKA (que no dialecto Nhaneca-Umbi falado no sul de Angola, significa Lobisomem) a troco de uma tentadora recompensa, um caçador improvável inicia uma caçada épica à temível fera na imensidão da Tundavala, uma das 7 Maravilhas de Angola.

Na vastidão da planície e imponência das pedras de uma paisagem agreste, a insana e obscura procura do caçador improvável perdura e (quase) nada o demove da sua senda.

MATCHITUKA é a 5ª experiência cinematográfica da Filmes Sem Futuro.

ELENCO: Helder Cerejo, Sulayman

Miguel, Franklin Costa.

O Mambo

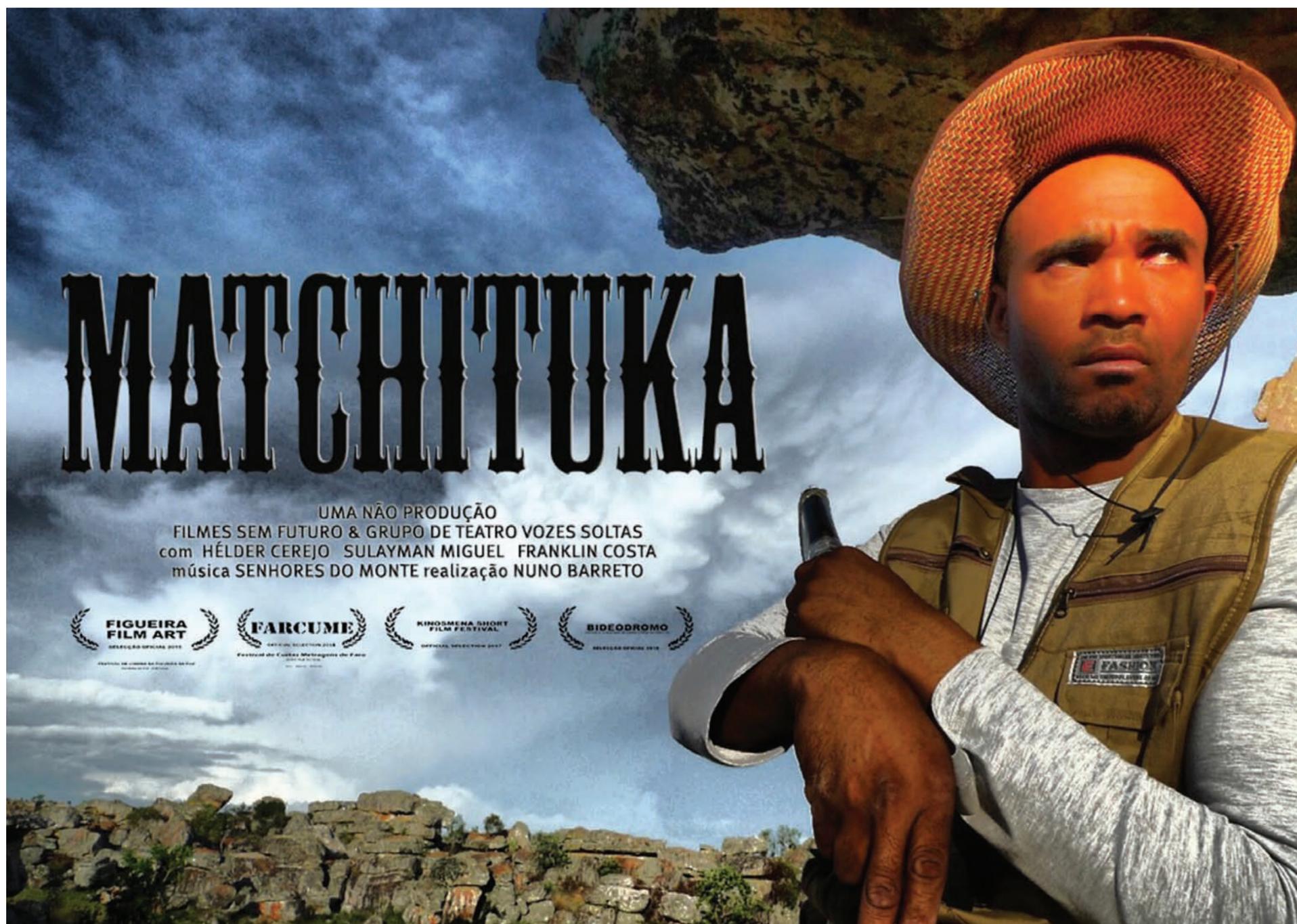
Esta iniciativa sui generis que Nuno Barreto apelidou de Huilawood em Acção, pretende voar alto e dar um novo rosto ao cinema angolano, mesmo com parcos meios. E não se coibiu de voar até à Bielorrússia, onde apresentou no Festival Internacional de Curtas Metragens de Minsk (Kinosmena) o filme O Mambo.

Gíria usada em Angola, "mambo" pode ser referido a um tema de conversa ou a um objecto (ex: temos que fazer "um mambo" juntos; que "mambo" é esse!!) O Mambo é um curta-metragem de acção, comédia e mistério feito em Huilawood, Lubango. Os personagens dão vida a uma odisseia insana de turnovers, perseguições e revelações enquanto correm atrás de uma mala velha especial, única e mágica que traz a ganância e a inveja de quem a possui e dos que a perse-

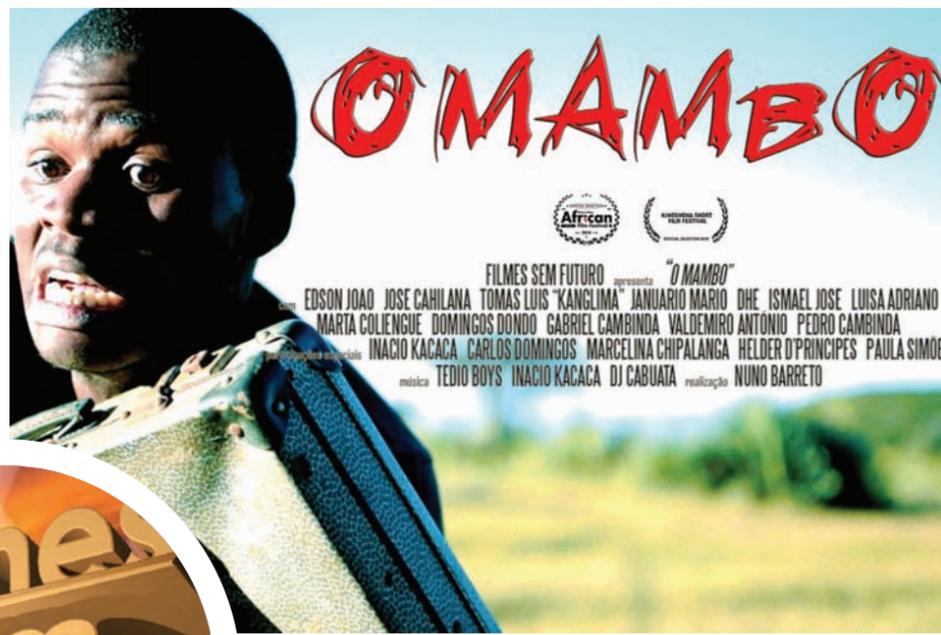
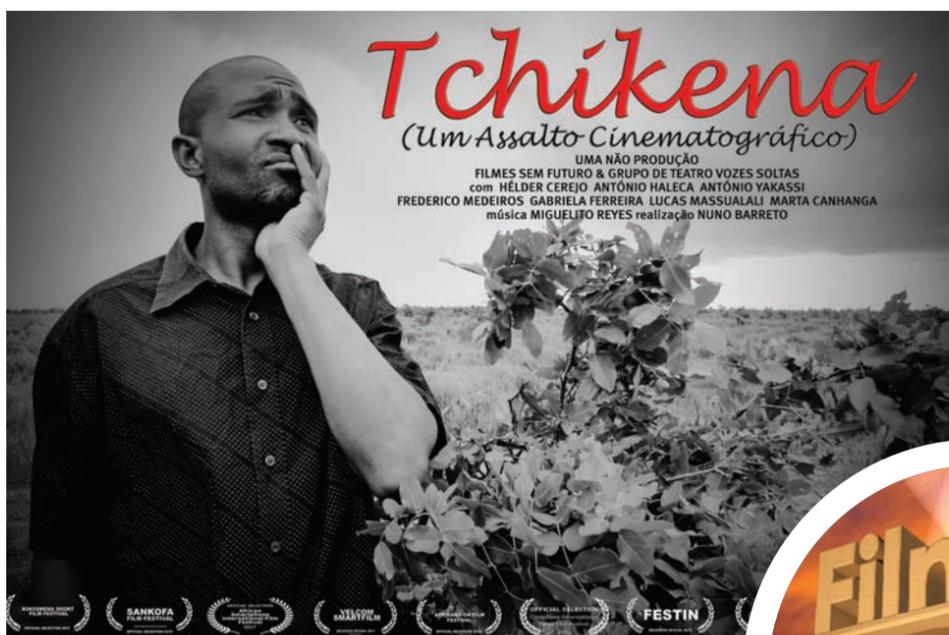
guem. O Mambo representa tudo o que cria em nós todos os sentimentos de ganância pela posse de algo e pela vontade de querer, não importa o que aconteça. É a 10ª experiência cinematográfica da Filmes Sem Futuro.

Actores: Edson João, José Cahilana, Domingos Dondo, Gabriel Cambinda, Marta Coliengue, Pedro Cambinda, Valdemiro António, João Cachendo, DHE, Ismael José, Luísa Adriano, Tomás Luís "Kanglima", Januário Mário e Carlos Domingos, Hélder D'Principes Marcelina Chipalanga, Paula Simões e Inácio Kacaca.





O IMAGINÁRIO PLANETA HUILAWOOD



Filmes Sem Futuro (FSF) é uma não-produtora de Vídeo que nasceu na cidade do Lubango em Março de 2014, resultado da simbiose e cooperação com a classe artística da província da Huíla e com os Colectivos de Teatro em particular.

Define-se como “não-produtora” pelo facto de trabalhar sem rigidez, planificação, orçamento e todo um suposto sistema de mecanismos associados à produção cinematográfica.

É amadora, independente, experimental, ensaísta e retratista do real,

do social e do surreal de um certo Sul de Angola, Lubango, cidade capital do imaginário Planeta HUILAWOOD.

Razões de existência

- Explorar a liberdade inerente ao formato cinematográfico de curta-metragem que permite realizar filmes de curta duração com o mínimo de recursos possível;
- Dar visibilidade nacional e inter-

nacional à comunidade artística da província da Huíla, através da execução de filmes, videoclips, spots ou sketches;

- Contribuir para a produção, descentralização e democratização do cinema em Angola.

Huilawood

Desde Março 2014 a FsF realizou 10 curtas metragens e 4 videoclips.

10 curtas-metragens e 3 videoclips fizeram parte da selecção oficial de 35 Festivais Internacionais de Cinema.

“CONTROLE REMOTO” ganhou o prémio da Melhor-Curta Metragem Nacional no 7º Festival Internacional de Cinema de Luanda 2015. “PITSTOP” ganhou o “Country Best Award” no CreActive International Open Film Festival no Bangladesh em 2016.

Contacto: FSF:

filmesemfuturo@gmail.com / 916 50 87 05 / 934 13 73 89

Prémio de Investigação Agostinho Neto

A História de como os Ambundus dominaram a ciência do ferro



GASPAR MICOLO

A História de África sempre fascinou a brasileira Crislayne Alfagali. E quando, no dia 22 de Maio de 2017, se apresentou à Sala de Defesa de Teses do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), estava num à-vontade comum. Licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (2009) e mestre em História Social da Cultura pela mesma UNICAMP (2012), a paixão pelas conexões históricas e culturais entre África e Brasil levou-a a escolher Angola para a sua tese de doutoramento: "Ferreiros e fundidores da Ilamba. Uma história social da fabricação de ferro e da Real Fábrica de Nova Oeiras (Angola, segunda metade do séc. XVIII)" foi o seu tema.

Crislayne Alfagali partilhou o seu fascínio pela história de Angola na Sala de Defesa de Teses do IFCH. Transportou-os todos ao Ilamba (actual Cuanza Norte) pela voz dos artesões Ambundus

que, diante da instalação de uma fábrica de ferro na região, enfrentaram estrategicamente o domínio colonial português e conseguiram manter em seu poder os conhecimentos e os benefícios que a metalurgia lhes conferia.

A obra, que lhe conferiu o grau de doutoramento, era resultado de um longo trabalho que levou a professora Crislayne Alfagali a pesquisar arquivos e bibliotecas do Brasil, Portugal e Angola. A historiadora fez uma visita à Fábrica de Ferro no Dondo, província do Cuanza Norte, onde reconstruiu a história a partir do que os ferreiros e fundidores locais disseram a respeito dos planos de Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, governador do Reino de Angola entre os anos de 1764 e 1772: construção de uma fábrica de ferro nas proximidades de Luanda.

É que não se tratava de um simples projecto. Estavam em causa os conflitos em torno de minas e terras e o controle da fabricação e comercialização de objectos de ferro, recursos naturais e utensílios que para os africanos detinham

significados para além do económico. Os ferreiros e fundidores da Ilamba já produziam um ferro de alta qualidade em fornos baixos, com os seus instrumentos rústicos; enquanto isso, Portugal não tinha tradição na exploração de minas de ferro, mas pretendia "perseguir a meta de tornar o Reino de Angola um grande exportador de ferro que supriria as demandas do império português e conquistaria novos mercados".

A historiadora questiona teses que tendem a compreender a história dessa fábrica sob o prisma do fracasso do projecto português. E confronta diferentes olhares sobre a fabricação do ferro produzido à moda centro-africana. "O argumento que defendo é simples: mais que trabalhadores manuais, esses artesões foram os químicos e mineralogistas (...) e de diferentes formas, usando os recursos que o seu ambiente socio-cultural lhes conferiu, sobretudo pautando-se no segredo do ofício, resistiram à perda do controle de seu próprio processo de trabalho".

E Crislayne Alfagali segue esse fio condutor da pesquisa para compreender as disputas, conflitos, costumes e tradições envolvendo tanto as estratégias do domínio colonial português, quanto as formas de resistência, a invenção de novas práticas, a elaboração de discursos articulados pelos africanos. "Retrato os desdobramentos a partir do ponto de vista das sociedades africanas", diz Crislayne Alfagali que, com a obra, agora publicada, acaba de ganhar o Prémio Internacional de Investigação Histórica Agostinho Neto edição 2017/2018, que consiste na promoção e incentivo à investigação histórica sobre Angola, África, Brasil e a sua diáspora. O concurso, patrocinado

pela Fundação Dr. António Agostinho Neto e pelo Instituto Afro-brasileiro de Ensino Superior, representado pela Faculdade Zumbi dos Palmares, é realizado a cada dois anos. Nesta edição concorreram 36 obras representando oito países, nomeadamente, Angola, Brasil, Cuba, Guiné Bissau, Portugal, Suécia, Venezuela e Camarões.

A autora, que actualmente dá aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRIO), recebeu da presidente da Fundação Doutor António Agostinho Neto, Maria Eugénia Neto, o cheque no valor de 50 mil dólares e um troféu. Crislayne Alfagali agradeceu à fundação pela instituição do prémio e aos investigadores angolanos que graças a alguns trabalhos obteve informação pertinente para a sua obra.

Já Maria Eugénia Neto, para quem o prémio incentiva a criação e inovação científica, revela que a instituição não hesitou em investir recursos para promoção de investigação histórica e a operação do júri, bem como na publicação da obra vencedora com uma tiragem de cinco mil exemplares. "Ao investir no trabalho de investigação, a Fundação mostra a firme determinação de contribuir para o conhecimento da verdade histórica de Angola com o resto do mundo, com resultados sérios e relevantes", disse.

Maria Eugénia manifestou o desejo de ver, brevemente, angolanos, a par dos estrangeiros, a produzirem obras premiadas e reconhecidas internacionalmente, tendo agradecido, em nome da Fundação, a cooperação científica da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e da Faculdade Brasileira Zumbi dos Palmares.

Às vezes pasmo

Veze sem conta acordo cedo, um hábito diabólico para me entender com o mundo, viver um certo silêncio para descortinar o tanto que ouço. Embebo-me de leituras infinitas, lendo de tudo o que considere bom e tenho já algum arcaboço para os definir. Não leio tudo, por alguns, passo apenas um olhar leve e largo de seguida, coisas sem sumo e que não me obrigam a reflectir e a puxar pela cabeça, relatos jornalísticos em romances que às vezes tanto vendem, mas não é esse o meu propósito, leio para aprender e só o que esforça o nosso intelecto nos ensina. Literatura de cordel agrada a muitos, que fazer? A cultura da maior

parte de leitores é essa, a malta pretende não esforçar-se, quer o produto concluído numa simples passagem pelo texto, entendo e não, para mim e não só, ler é emigrar para dentro da alma, é viajar o desconhecido, descobrir em cada frase o esquema complicado do produtor, ir ao dicionário, encontrar significados, pescar em mares de altas definições. Literatura não é ler jornais, mas sim buscar o infinito das cabeças dos criadores, o que será alvo de estudo um dia e as provas o confirmam. Escrever livros significa sempre obra literária? Claro que não. Talvez por isso haja poucos escritores e muitos a escrever. Literatura é arte e a arte

instiga, faz duvidar, pesquisar, interiorizar, coisa de que muitos fogem. A malta tem preguiça intelectual e o anúncio do jornal facilita-nos a vida. Vender muito não significa ser bom, embora quem defina isso é o leitor, mas esse próprio, o leitor, em grande parte, não é conhecedor nem sequer busca o saber procurando como se estuda na escola, ler o que nos dificulta para obtermos sabedoria nas artimanhas da arte. Literatura sem espectros de arte são descrições apenas, sem aprofundamento do sonho literário nascido há anos por gente que estudou e se dedicou ao tema. Não se estuda literatura fácil, e porque será? Já se questionaram sobre isso? Porque razão se estuda Beckett, Joyce, Cervantes, Saramago, Borges, etc., escritores difíceis, muitos ficam por citar, e não se estuda Rolling que



VÍTOR BURITY DA SILVA

bateu o recorde de vendas? Pois, a diferença está entre o que é literatura e o gosto do comum, mas esse, embora dê dinheiro aos autores, fica na mesma: saciando apenas com a descrição fácil de um livro sem arte. A arte não é coisa fácil, sabemos, e há quem os apelide de loucos, e por isso pergunto: Somos todos médicos além de grandes especialistas em fazer crítica literária? Por isso às vezes pasmo.

Poemas de Luís José Nguimbi Nvú-Nvunda

1

MAYOMBE

entre montanhas e algares,
vislumbra-se a imensa floresta do Mayombe
a floresta moita,
e da algaraviada dos bichos do mato
árvores com alfange,
dão vida ao seu povo
o Mayombe fascina,
dando sombra, luz, água e altivez a sua gente
o Mayombe do N'yombe

2

LUFO

do Matembo ao Mbilizi Vula
serpenteia o rio Lufo
o rio do meu nascer e infância
o rio da mocidade
o rio das canoas feitas de n'senga,
o refúgio das rugas do antigamente
a saudade paira,

mas sinto a sua presença intermitente no meu
âmago o Lufo da vanidade, do verdejante do
Mayombe o Lufo, é o Lufo da gente do mato, da floresta imponente do meu Mayombe.

e Imaculada Conceição; actualmente e Inspector da Polícia, Investigador de Acidentes, exercendo as funções de Chefe de Repartição de Acidentes da BET, estudando Direito na UTANGA.

3

M'BOTA

nasce o rio
surge o homem
o rio desce lentamente,
e o Matembo o acolhe
curvando,
contorna o bairro
alimenta a sua gente
faz crescer os pomares da Missão do Matembo
o rio desce,
e vai descansar no Lufo.

(extraídos da obra (no prelo) "30 Poemas do Mayombe")

Luís José Guimbi, nasceu em Matembo, Município de Belize, aos 8/10/67, fez os seus estudos primários e secundários, entre as Missões Católica do Matembo



Pepetela apresenta no Camões "Sua Excelência, de corpo presente"

"Num enorme salão deitado num caixão jaz um ditador africano. Está morto, mas vê, ouve e pensa. Assim estirado, aprisionado num corpo sem vida, mas na posse das suas faculdades intelectuais, só lhe resta entreter-se a recordar as peripécias vividas com muitos dos que lhe vieram dizer adeus, entre os quais se encontram diversos familiares, a primeira-dama (e as outras mulheres e namoradas), os numerosos filhos e as altas dignidades do Estado. Ao lembrar a sua vida, o percurso que o levou a presidente e os muitos anos como chefe de Estado, vai-nos revelando os meandros do poder político, o nepotismo que o corrói e os vários abusos permitidos a quem o detém. E, como percebe tudo o que se passa à sua volta, e é muito difícil a um ditador deixar de o ser, Sua Excelência não só vai tecendo considerações sobre os presentes e os seus interesses políticos, como tenta adivinhar os seus pensamentos e maquinações. Pois, mesmo morto, não deixará a sua sucessão em mãos alheias, e nela tentará imiscuir-se através do seu espião-de-um-olho-só, que lhe é tão fiel na morte como era em vida."

Artur Pestana "Pepetela" lançou no dia 18 de Setembro de 2018, no Camões – Centro Cultural Português em Luanda, o Romance "Sua Excelência, de corpo presente".

Com a mestria que lhe é própria, Pepetela, nome maior da literatura

angolana e de língua portuguesa, volta a surpreender, no estilo, na forma e na substância, com o seu mais recente romance Sua Excelência, de Corpo Presente. Com a lâmina acutilante e afiada da sua apurada ironia, recorta, de forma sarcástica e implacável, realidades, não raras vezes, a raiar a caricatura e o ridículo. Com a perspicácia de observador atento e profundo conhecedor da história e do mundo que o rodeia, particularmente do continente africano, que o viu nascer, Pepetela regressa com toda a sua força, talento e sensibilidade, próprios do grande criador que é. Pepetela regressa, reafirmando a sua visão comprometida da escrita e o seu profundo humanismo.

O INSÓLITO

A história desenrola-se, num tempo recente, num local indeterminado de um qualquer país africano. Do protagonista e narrador, não se conhece o nome. Apenas se sabe que foi presidente de um país africano e que teve morte súbita, atingido por uma "maldita doença que apanhou a todos desprevenidos". O insólito começa no primeiro parágrafo, com a declaração do narrador: "Estou morto".

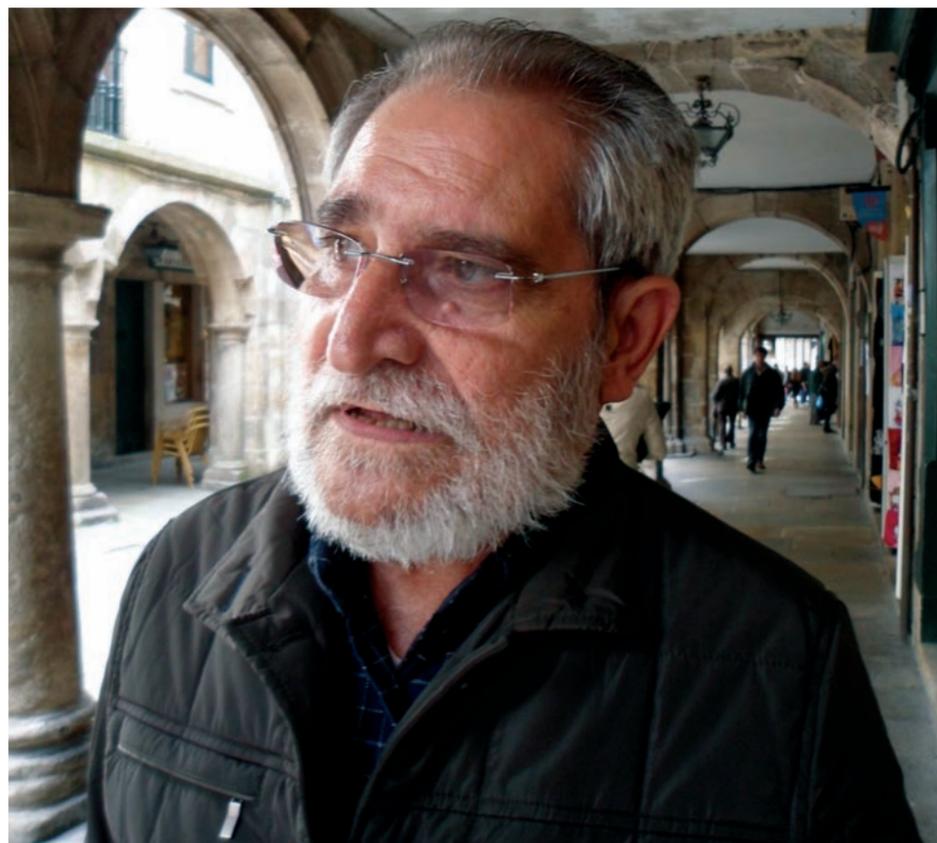
Uma crítica mordaz ao abuso de poder e aos sistemas totalitários, disfarçados de democracia, escrita com um sentido de humor inteligente.

Pepetela volta a surpreender com um final imprevisto, improvável, desconcertante e metafórico, carregado de sentido e de sentidos, que fica para desvendar com a leitura do romance Sua Excelência, de Corpo Presente.

SOBRE O AUTOR

Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, em 1941. Licenciou-se em Sociologia,

em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro do MPLA, político e governante. Foi Professor da Universidade Agostinho Neto, em Luanda. Tem sido Dirigente de Associações, com destaque para a União dos Escritores Angolanos e Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. Recebeu o Prémio Camões 1997, confirmando o lugar de destaque que ocupa na literatura lusófona.





Nanga Yafina, de Benguela



Chico Pobre organizador do evento

Festival Nacional de Poesia no Huambo sacraliza esperança de Angola renovada

SANDOMEN

O que, à primeira vista, parecia mais um mero acontecimento cultural dos muitos que se produzem em Angola, o VI Festival Nacional de Poesia, que houve no Huambo, no passado dia 16 de Setembro, tornou-se um poderoso vector de unidade nacional. Desta feita, os versos sublimados pelas diferentes sensibilidades regionais das 17 províncias presentes no evento, registaram um sentimento de esperança perante a nova era de mudança que se vive em Angola. E essa esperança, na linha da epopeia angolana, Sagrada Esperança, criada pelo Poeta Agostinho Neto, aí celebrado condignamente, jorrou num profundo grito de dor, expressivamente cantado no palco.

Para celebrar o 106º aniversário da cidade do Huambo, Chico Pobre, um jovem organizador de eventos culturais das capitais do Planalto Central, convidou trinta poetas idos de diversas províncias do país que participaram na VI edição do Festival Nacional de Poesia, realizado dia 16 de Setembro no pavilhão do Petro, no Huambo.

O evento serviu também para saudar o mês do poeta António Agostinho Neto, o vate maior da poesia negra de língua portuguesa. Os poetas saíram das províncias do Huambo, Benguela, Luanda, Bengo, Cuanzas Sul e Norte, Bié, Huila, Namibe, Cuando Cubango, Malanje, Lundas Sul e Norte, Moxico e Uíge.

O grande homenageado desta edição do festival foi o poeta José Luís Mendonça, “pelo seu contributo e

destaque para o desenvolvimento da Cultura, em particular a Literatura angolana”. Como se pode ler no diploma de honra que lhe foi entregue pelo director provincial do Huambo da Cultura, José Canobo.

O movimento literário Lev’Arte fez-

se presente, não só com os poetas da cidade planáltica, mas com a palavra do seu secretário-geral, Kiocamba Cassua, que apresentou ali a mais recente obra do poeta homenageado, Angola, Me Diz Ainda.

Falando à imprensa, o director

provincial do gabinete da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto, José Albano Canobo, sublinhou que é intenção do governo local tornar o Huambo na capital da poesia, tendo em conta o grande número de talentos que possui.



Chico Pobre organizador do evento

Lista dos Poetas Participantes

Cuxi Letra - Moxico
 Eugénio Manuel (Tio Velho) - Huíla
 Victorino Satchimoco - Huíla
 Arauto Tchingando - Namibe
 Agostinho Sanjambela (trovador) - Benguela
 Filipe Nanga Ya Fina - Benguela
 Júlia Lima - Benguela
 Mila Castro - Benguela
 José Mbanza - Malanje
 Cairo Cimenta (Calonda) - Lunda Sul
 Justina Kibeka - Huila
 Mamengue Sebastião - Luanda
 Euclides O Destinado - Malanje
 Kibuku Kiajenje - Malanje
 Américo Ventura - Cunene
 Adriana Borboleta - Luanda
 Davide Samba (Kaziva) - Bengo
 Muxima Do Assobio - Bié
 Gabriel Satendele - Bié
 Damião Paulo (Poeta Rasgado) - Kwanza Norte
 Poeta Tubarão - Luanda
 Mpanda Mbuta Kene - Uíge
 Ras Nguimba Ngola - Luanda
 Poeta das Nações - Huambo
 Poeta Sofredor - Huambo
 Samuel “O Sombra” - Huambo
 Poetas das Indumentárias - Huambo
 Nachaka Canganjo - Huambo
 Tárzia Camilo - Huambo



Júia Lima, da província de Benguela

A LUTA CONTINUA

Uma história lacrimejando
 Na enferma madrugada do meu parto antecipado por sua causa senhor fiscal
 Seu amor pelas humanas fizeram meu ponto final
 Corro no movimento da fome do dia-a-dia da pátria angolana
 Não descanso momo a louca na favela do arreou do tempo

Ndilila vokaty yelavoco yutima yangue
 Ofela iyelissa utima yenda ka ia vali
 Ombela yolombelo viene ka impintinla ate etali Ndilupocamõ vombela yo
 ndjala Elavoko emussuca tchitec teck

Mo katchissungo yo arreiou yo tembo
 A luta continua...
 Engravidado-me no orgasmo desta fome que a mim deu a terra mas não o nome
 que tem o pão e me oferece a fome

É apenas o pão senhor fiscal
 Que por ele sinto o vento da morte dos filhos que mesmo morrendo não terão
 sepulcro fiscal
 O tempo levou de mim a verdadeira vaidade quando a pátria mergulhada no
 fogo tinha sede de paz
 Desculpe, mas a luta continua

(Satchimuco, Poeta Sofredor, Huíla)



Chico Pobre organizador do evento

A CAMINHO D'ANGOLA

Em busca de sonhos perdidos
 Partidas sem saída
 Um golo na Bebida!
 MARUVO, TXINTXAPHA CAPORROTO E QUIMBO
 Não obstante
 Oiço o zunir duma canção inocente.
 - Kota olha o caminho é lá... olha o caminho é lá
 Nas bandas de Angola.
 Valeu KANDENGUE! Vou fumar um BAGRE no MOXICO
 Jorrar TUKEYA no estômago
 Saborear um pouco do MACOSSO, MACESSE, MASSEDA, E MAQUENE-
 NE
 Com molho de KAPANDE, e sobre a mesa um XIMA
 Enquanto os "cotas" contam TCHIXIMA
 Alguns partem a TXIANDA
 Outros garimpam a KAMANGA
 Nas terras dos reis MWATXISSENGUE MWATXIYAVA

(Calonda Cimenta/Lunda Sul)

PARABÉNS HUAMBO AOS 106 ANOS DE EXISTÊNCIA

FESTIVAL NACIONAL DE POESIA

COM OS MELHORES POETAS DE ANGOLA

DOM. 16.SET | ÀS 18:00

PAVILHÃO DO PETRO ATLÉTICO-HBO/CIDADE ALTA

CONVIDADOS

MOBBER'S - AGENTE FORMIGA - MICHAEL JACKSON (Anderson Mário)
 ADMILTON - JUSTINO HANDANGA - RIJO MASTER - RUPALU - DANGER BOYZ
 XERIFE D'OURO - WATARA - NANKOVA - MR. DAQUIJA - TURMA DO PÂNICO

PREÇO 2000 KZ | VIP 4000 KZ

APRESENTAÇÃO: BEMVINDO MAGALHÃES
 ELLA DE CARVALHO (BILINDADA)

PRODUÇÃO: DINÉLIA PRODUÇÕES
 REALIZAÇÃO: CHICO POBRE | PROMOÇÃO: SAUCA MANUEL

PATROCÍNIOS: GRUPO DINÉLIA, NOCEBO, GOVERNO PROVISÓRIO DO HUAMBO, LIBAS, ESPAÇO HUAMBO, TV ZIMBO, rAdioMais, MOSPEDARIA TCHIWEWE, H.C.

APOIOS: ANGOP, Calças, SANY, TCHIMI

INFOLINE: 937 461 860 / 937 961 860

Escritores ressaltam legado cultural de Agostinho Neto

ADRIANO DE MELO

Voltar as tradições, aos grandes feitos, a momentos importantes da História do país, que marcaram toda uma geração, geralmente acontece em Setembro, o mês do Herói Nacional. Nesta altura o poema de Agostinho Neto “Havemos de Voltar” se torna parte do quotidiano dos angolanos. Este ano, altura em que se começa a preparar o centenário do aniversário do “Kilamba”, várias são as actividades que são realizadas para exaltar os seus feitos às gerações mais novas.

A “festa” começou no passado dia 5, no Shopping Avenida, em Luanda, com a realização de palestras sobre a genealogia, vida e obra de António Agostinho Neto, proferidas pelos escritores Chico Adão e José Luís Mendonça. Ambos centraram-se no trajecto, nas bases que ajudaram a criar toda a filosofia na qual assentou os feitos do “Poeta Maior”: o povo.

Como os mais velhos são sempre os primeiros, Chico Adão foi quem começou. A sua palestra baseou-se fundamentalmente na génese do “Poeta”. Começou por falar um pouco da terra onde nasceu o “Herói Nacional”, Kaxikane, Icolo e Bengo. Durante a sua explanação explicou porque do nome Icolo e Bengo, acrescentando que Icolo vem do soba regente da região do Bengo.

Depois, o escritor contou ao público, maioritariamente composto por jovens, declamadores e alguns membros da polícia nacional e das Forças Armadas Angolanas, o trajecto de Agostinho Pedro Neto, o pai do primeiro presidente de Angola, a sua relevância na vida comunitária, como catequista e educador, assim como o seu primeiro encontro com Maria da Silva Neto.

O papel de um na vida de outro e o trabalho desenvolvido por ambos, enquanto membros da Igreja Metodista também foi realçado por Chico Adão, que chamou especial atenção para todo o trabalho feito por estes em prol da educação dos membros das suas comunidades na altura. Pessoas de referência, que se importavam muito com o bem-estar do seu próximo, assim os definiu o escritor.

Para finalizar a sua dissertação, Chico Adão leu o elogio fúnebre apresentado por Gaspar de Almeida, no dia 22 de Junho de 1946, um dia depois da morte de Agostinho Pedro Neto. Na altura, conta, foram acesas fogueiras e entoaram-se diversos cantos em sua memória.

O orador seguinte, José Luís Mendonça, que falou sobre a vida e obra do Kilamba, dividiu a sua intervenção em



Agostinho Neto num encontro com outros líderes africanos, Masine, Kaunda, Nyerere e Marcelino Dos Santos

três momentos, que resume como os mais importantes de todo o trajecto do “Poeta Maior”: a vida familiar, literária e política.

A palestra, que denominou “Três dimensões de um percurso eclético”, fez uma abordagem centrada, essencialmente, no legado intelectual do primeiro presidente do país, em particular “enquanto homem de cultura em prestado à política”.

Todo esse legado intelectual, realçado na altura, pode ser revisto ao analisar os três volumes da sua poesia e nos discursos que fez em diferentes fóruns. Para José Luís Mendonça, “no quadro da cosmogonia bantu, do grupo étnico-linguístico Kimbundu, do qual Agostinho Neto era originário, o cidadão Agostinho Neto marcou presença neste mundo com um nome muito

particular, adstrito à tradição africana e, por isso, incluso no círculo das atribuições secretas dos dignitários da espiritualidade Kilamba.”

É, na opinião do escritor, nesta outra esfera étnico-linguística, fundada na transmissão oral e na sua filosofia, que se insere, tanto o dom para a poesia, como o dom da oratura, como criador de provérbios.

Baseando-se em alguns trabalhos de pesquisa de Óscar Ribas, José Luís Mendonça destacou ainda a importância de Agostinho Neto como “kilamba”, assim como a importância do poder simbólico e ideográfico da sua poesia.

“A poesia de Agostinho Neto e seus pares, fundadores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, que actuaram sob a palavra de ordem ‘Vamos Descobrir Angola’, marca um dos

momentos privilegiados de imposição do processo literário angolano perante a ordem cultural colonial”, disse, acrescentando que é com esta geração, que nasce a poesia de subversão política, tão bem registada na obra “Sagrada Esperança”, do “Poeta Maior”.

Em relação a esfera política de Agostinho Neto, esclareceu, pode-se identificar certas citações do seu discurso político, passíveis de serem destacadas na sua arte de oratória.

Estas citações, adiantou o escritor, vieram à luz pela voz do “Poeta”, enquanto provérbio da oratura e como poesia residual, ambas inspirações de “Kituta”, que encarnava na pessoa física de Agostinho Neto, o “Kilamba”.

Desta simbiose cultural existencial, reforçou José Luís Mendonça, “resultou um percurso guiado por um pensamento constituído pela síntese de partes heterogéneas de várias doutrinas, filosofias e ideologias, que convergiam em torno do fio pragmático da descolonização”.

Para finalizar as actividades do dia da abertura oficial dos festejos do mês do “Herói Nacional” foi inaugurada uma exposição fotográfica, com momentos únicos e particulares da vida de António Agostinho Neto e da sua família. A exposição ainda pode ser vista por quem for ao Shopping Avenida.

Para o director do shopping, Carlos Miranda, é uma honra associar-se aos festejos da data. “É também uma forma de aproximar mais o público, que frequenta o espaço, dos feitos de Agostinho Neto. Estamos abertos a participar de qualquer actividade que ajude a elevar a cultura angolana, assim como o nome dos seus fazedores e Agostinho Neto é uma destas figuras incontornáveis da História do país”, garantiu.

A viúva do primeiro presidente de Angola, a escritora Maria Eugénia Neto também marcou presença. Como presidente da Fundação António Agostinho Neto pediu uma maior divulgação e valorização dos feitos do seu patrono, para que este não seja só lembrado no mês de Setembro e a nova geração tenha um pilar no qual se guia, já que o “Poeta” é “uma lenda do imaginário colectivo”.

Actividades

Além das palestras, que foram realizadas em diferentes províncias por todo o país, o mês do “Herói Nacional” ficou ainda marcado com a realização de muitas outras actividades, sob a égide da Fundação António Agostinho Neto, com realce para uma exposição de artes, cultura, ciência, turismo e gastronomia, nos dias 14, 15 e 16, na Praça da Independência, em Luanda.

Um dos pontos altos desta actividade foi a participação de 25 missões diplomáticas acreditadas em Angola, que aproveitaram a exposição para mostrar ao público um pouco das suas culturas, em particular no domínio da gastronomia. As bebidas e pratos típicos de vários países foram muito solicitados pelo público, que aproveitou ainda a ocasião para conhecer alguns aspectos artístico-culturais destes países convidados, com destaque às suas danças folclóricas, músicas e trajes.

A “festa” contou ainda com a participação do grupo carnavalesco 17 de Setembro, que realizou um “breve assalto”, assim como decidiu-se juntar a ciência, com o seu desporto de referência, o xadrez, as outras manifestações culturais.

Ensaaios poéticos de Mário Pereira

A transposição

(I)
Procuro transpôr uma ideia para além de um muro
Porém, tão duro é o treino que juro; que não posso
Sair deste poço, sem que me esmurre até ao pescoço
Pois, de lá sair inteiro só por milagre e muito aturo
Dos que enlevam a alma inteira; sem algum remorço
Que embargue o labor que adormenta o meu dorso
Essa dor que não sendo de amor abolora fruto maduro!

(II)
Transponho o infinito do meu horizonte a passo
E nele noto aprumado quem há muito me espera
Uma esvaziada esperança que há muito se desespera
Na esteira de uma esteira onde visse que posso
Nos limites do meu parco entender, ter a maneira
De urdir uma chalaça ou coisa muito mais brejeira
Que a fizesse despertar; que a tirasse desse poço!

(III)
Transpondo a porta do quarto onde me estendo vejo
Iluminando o breu circundante, um raio de luz solar
Que ameniza a deprimente penumbra que é de atolar
Quem fraca mente tem! Por isso eu mesmo antevejo
Minha mente atolada, amolada por dura vida sem lar
Acolhida em lagar a céu aberto onde o verbo amolar
É conjugado com a mestria que se afila em vil cortejo!

(IV)
Transpondo o areal da rua onde moro me enamoro
Da beleza de um canto que, se livre, me encantaria
Pois cantando em liberdade, em mais beleza cantaria
Meu canário em lendário lugar onde também laboro
A fugaz ruela que o liberte; que o deserte em alegria
Em vôo alado cujo embalo alinda o céu que estaria
Alegrando quem nele o visse cantar o que mais adoro!

(V)
Procuro transpor a barreira, de qualquer maneira
Mas meu pulo não se alonga por perna longa não ter
E o mais certo, se calhar, é pôr-me já a mexer
Sair do lugar onde me acho e sem fazer asneira
Escapular para onde me possa advir um remexer
Um remexer de alma que abale; me faça encher
O ânimo abalado por quem é sem eira nem beira!

(VI)
Procuro vencer o temor de uma dolorosa angústia
No passo em corrida ligeiro que ainda vou dando
Aqui e acolá de sacola a tiracolo, jamais saltando
Em lugar esquentado, labaredas, sem usar mestria!

(VII)
Procuro a mulemba que me viu nascer até crescer
E por não achar o rasto que ela deixara para mim
Mínguo a alma já sem a chama de outrora e assim
Aos olhos de quem me quer ver chorar finjo florescer
Ao longo da rua que ainda é minha, um belo jardim
Que me faz crer que toda essa vida é mesmo assim

Fazedora de angústia que a qualquer um faz padecer!

(VIII)
Procuro um véu que me esconda aos olhos do mundo
Este mundo que inflama ao sabor da contradição
Um mundo carente de paz causado pela ostentação
Que vigora desde que o mundo é mundo; é submundo
Incapaz de emergir sem ter de fugir à maldição
Ousada mui mal-amada e que acamada é invenção
De quem é vil na procura de um coro mui imundo!

(IX)
Procuro um achado na rua, na rua da minha triste rua
Que, nua, amua quem a vê despir a roupa suja, rasgada
Que se reveza a todo o instante sem que seja até lavada
Para que, malvada, a vida possa dar o alento que tatua
Sem a horripilante mancha que, não embelezando, nada
Nada mais dá senão a vil ostentação de quem é cambada
De ideia que não tem mais que pensar se não se enfatua!



26ª Edição do Festival da Canção de Luanda

Grande Prémio para "Se fora eu" da pena de Dino Ferraz com voz de Carla Moreno



ANALTINO SANTOS

A praceta Martin Luther King, o famoso Largo da Lac testemunhou na voz de Carla Moreno, o sonho da pena de Dino Ferraz, o compositor de "Se fora eu" que venceu a 26ª Edição do Festival da Canção de Luanda. Numa festa onde a Rádio esteve no centro coube a António Fonseca, o director e apresentador do "Antologia", o programa radiofónico mais antigo da Rádio Nacional, a entregar o principal troféu.

Com "Se fora eu", a sétima voz das tradicionais dez apostas dos compositores que concorrem apostam convenceu o corpo de jurados, arrebatando não apenas o prémio principal, Melhor Canção, assim como a de melhor produção. Carla Moreno é uma voz promissora em projectos musicais em várias vertentes. A sua participação no concerto temático de vozes femininas do Show do Mês atingiu um público mais exigente. Esta não foi a sua primeira passagem pelo Festival da Canção da Lac, assim como Dino Ferraz, o compositor que na 18ª edição do Festi-

val venceu com um tema de Totó St. A jovem Tyller, com "Voa", uma composição de Né Gonçalves, conquistou o prémio de Melhor Voz. Nesta edição, as vozes femininas conseguiram dar vitórias aos compositores. Coube a Calabeto, o Kota Bwé, a primeira composição em concurso "Manu Ndayé" interpretada por Josina Neto que ficou com o prémio Lac-Unitel, categoria cujo voto é popular. Konstantino Chitato, com a canção de sua autoria "Matondorinho", foi considerado como tendo a Melhor Interpretação.

Numa edição que, de acordo com os seguidores e participantes de edições passadas, ficou marcada pela boa entrega das interpretações, Wilder Amaro, que começou como baixista dos The Kings, não desiludiu com o tema autoral "Nossa Senhora de Monte", assim como Márcia Augusto, com "Comportamento". Kizua Gourgel, músico com forte ligação à estação, esteve representado por Stélvio Hélio em "Ilha". O homem de desliza, Paulo Matomina, teve a sua composição "Eu era feliz e não sabia", na voz de Cláudia Wine.

A presente edição contou ainda com

um tema de Adalberto Kulanda, Jeff Brown dos SPP, com "Suku Yange" um gospel nas vozes de Jlourenzo e Jordânia e Heróides Domingos com a "Ritmo de Luanda" de Kahina Ferreira.

Aproveitando a presença de Ndaka Yo Wiñi "Voz do Povo", o festival decorreu sob o lema "10 compositores, a voz do povo em ritmos que reinventam a nossa ancestralidade" e Raúl Fernandes, Lito Costa, Marta Santos e Alcino Semedo fizeram parte do corpo de júri.

Foi interessante a homenagem feita às principais vozes da rádio e a recuperação de programas como "Azimute", "Boa Noite Angola", "Reencontrar África", "Peça que nós transmitimos" e outros da RNA, tida também como rádio-mãe e onde despontaram o trio Maria Luísa Fançony, Mateus Gonçalves e José Rodrigues, que em 1992 iniciaram este projecto empresarial de comunicação social. A simulação do programa mais antigo da Lac, "Bom Dia, Bom dia" não passou despercebida e permitiu que outras vozes da rádio pegassem no microfone, para a edição no palco do Festival.

A edição de 2018, à semelhança da

anterior, iniciou com o convidado especial que foi Ndaka Yo Wiñi que interpretou temas como "Tchove Tchove", "Sambombwa", "Vakale", "Pasuka" dentre outros do seu álbum de estreia "Olukwembo".

O tradicional musical do Festival da Canção foi dedicado a temas relacionados com a rádio como "Piô Piô", de Bonga, "Nossa Música", de Heavy C, "Maratona Musical", de Dionísio Rocha, "Rádio", de Paulo Flores e Prodígio, "Subme la Rádio" de Enriques Iglésias, "Loucos", de Matias Damásio e "Rádio Gagá", de Fredy Mercury. Encenado por Anabela Aya e produzido por Livongue deram voz ao musical Dom Caetano, Patrícia Faria, Legalize, Chris, Félix e a encenadora. Mais uma vez o Ballet Tradicional Kilandukilo esteve em palco.

À margem do Festival da Canção, a emissora realizou a Feira da Lac, diferente das primeiras edições que eram dos eventos mais esperados em Setembro. Na feira existiram momentos de música ao vivo nos showcases com Kizua Gourgel, Toty S'amed, Selda, Anabela Aya e Sandra Cordeiro.

No Jade Rooftop Bar a primazia são as mulheres

ANALTINO SANTOS

Na casa nocturna que tem como prioridade as vozes femininas, a voz de Selda foi a mais recente proposta, uma artista que tem como marca actuar com os pés descalços e que apresentou temas do seu álbum de estreia e novidades. Teve como companheiros de palco Kappa D, Divino Larson, Berna Pascoal, Moz Lubanzadio que com sucessos como "Naquela Rua" "Morena de Cá", "Palavras Doces", "Cantar Alegria", "Reviravolta" e "Mufetes" levaram o mesmo alinhamento, para fora da zona baixa da cidade á periferia, no palco do Centro Cultural Zango das Artes.

A música de discoteca teve a carga também de senhoras, aliás, o que é recorrente às sexta-feira com "Ladies Night". O Jade Rooftop Bar realiza com regularidade animação com VJ com projecção de vídeos do passado, num flashback musical e às quinta realiza sessões de cinema

Selda é dona de uma voz inconfundível que viaja musicalmente pela soul music, afro jazz, blues, bossa nova e zouk Love. Com uma trajectória, cuja marca é a actuação com os pés descalços, Selda possui várias distinções, entre as quais "Voz Revelação" no Top Rádio Luanda em 2012. "Naquela Rua" "Morena de Cá", "Palavras Doces", "Cantar Alegria", "Reviravolta" e "Mufetes" as duas últimas, releituras de originais de Jomo Fortunato e André Mingas, temas do seu álbum de estreia "Morena de Cá" constam com regularidade nos seus concertos.

Guiselda Tainara Salgueiro Portelinha ou simplesmente SELDA, nasceu a 4 de Julho, no Huambo. Começou a dar os primeiros passos na música, aos 12

anos, quando por convite do professor de música interpretou uma canção no festival de encerramento de fim de ano. Aos 14 anos começou a escrever poesias e algumas letras de músicas, por intermédio de uma grande amiga, conheceu o seu pai Zé Maria Boyote e seu tio Paulo Chicangala (Paulinho). Foi com o Paulinho que começou a dar melodia as suas letras e a ter mais noção sobre música e voz. Fez vários 'spots' publicitários para a rádio Luanda, como alguns coros. No ano de 2005 conheceu dois rapazes que estavam a montar uma banda e juntou-se a eles, e formaram a banda 'The Kings', onde era vocalista e única rapariga. Fez parte desta banda durante quatro anos. Em Setembro de 2006 foi convidada pelo autor e compositor Jomo Fortunato, a interpretar uma de suas canções com o título 'Essa Voz' no Festival da Canção da LAC, onde foi eleita a preferida do público.

Em Janeiro de 2008 a convite do músico Konde, participou no Festival da Canção de Luanda, alusivo ao aniversário da cidade de Luanda, para também interpretar uma de suas músicas com o título de 'Luanda Kianda', que por sinal faz parte e é o título de um dos seus discos. Foi escolhida para o 3.º lugar e para a categoria de melhor letra. Desde então tem feito algumas participações em trabalhos de vários artistas, e dando seguida aos seus trabalhos.

A artista é dona de uma voz inconfundível participou no disco '100% Angolano volume III' produzido por Chico Viegas. Actualmente encontra-se a preparar o sucessor do álbum no 'MORENA DE CÁ', o disco nos estilos Soul Music e Zouk Love. E trás participações vocais de Paulo Matomina e Toty, vocalista principal da Banda 'The Kings'.



Anabela Aya

Anabela Aya e Jessica Areias também foram as atrações deste espaço nos concertos anteriores propostos pela gerência que pelas estatísticas as vozes femininas curiosamente marcam as escolhas de Ruca Moreica, o gestor. Sandra Cordeiro, Aline Frazão comprovam este indicador. Toty S'amed e Ndaka Yo Wiñi foram as únicas presenças masculinas.

Jessica Areias cantora e compositora fez um concerto eclético que cruzou os ritmos angolanos e africanos ao Jazz, Fado, Bossa-Nova e MPB. Jéssica Areias nasceu em Angola, aos 17 anos mudou-se para Portugal e residiu no

Brasil nos últimos 9 anos, país onde fez uma licenciatura em Educação Musical e Pós Graduação em Regência Coral. Aproveitou e aprofundou-se na MPB uma das suas principais paixões musicais. Depois deste concerto actuou no Show do Mês no concerto temático dedicado a música de Bar.

De acordo com a mídia brasileira "mulher de uma personalidade única e som envolvente, com uma bagagem musical bastante eclética que vai das suas raízes Africanas ao Fado e do jazz à MPB, é dona de uma voz potente, muitas vezes igualada à incrível Elis Regina. Na terra do Samba fez parcerias com grandes nomes da MPB como Toquinho, Fafá de Belém, Leandro Sapucaí, Diogo Nogueira, Serginho Madureira e Osmar Barutti.

Agora a dividir a sua carreira entre Brasil e Angola, tem contribuído dando aulas de canto e preparação vocal. Canta em português, kimbundu, crioulo e umbundu, língua do tema que dá o título ao álbum "Olisesa" na língua de camões. Encontra-se a preparar um disco com mais elementos musicais angolanos e a divulgar o seu trabalho.

Anabela Aya a vencedora Grande Prémio Canção de Luanda, edição de 2017 com o seu quarteto apresentou músicas do seu álbum de estreia "Kuameleli" uma aposta nos estilos afro-jazz, blues e gospel. Neste álbum podemos encontrar composições de Filipe Mukenga, Jomo Fortunato, Freddy Mwankié, Sashondel Jofre e Artur Nunes com "Tia". Os temas "Kuameleli", "Nangobe", "Caríssimo", "Teu nome é um", "Tic Tac" e "I Love You Bwé" conquistaram os amantes da música angolana. Reconhecida como atriz optou nos dois últimos anos pela música.

Para apresentar série "Outra Descoberta da Cor"

Hildebrando de Melo convidado da New Vision Art

O artista plástico Hildebrando de Melo, depois de ter já no seu curriculum experiências de trabalhos em edições de serigrafia com o Centro Português de serigrafia e o atelier Plano B do também artista e mestre Aladino Jasse, foi presentemente convidado pela empresa de edições (NVA) New Vision Art dos Estados Unidos da América a ser representado pela mesma.

O convite veio na sequência do proprietário da firma Mark Hartshorn ter visto o trabalho do artista através de publicações no site do Mormon Arts Center, aquando do último trabalho da residência que o artista fez em Nova Iorque e exposto na Universidade

da Colúmbia, em Nova Iorque.

A NVA além de estar na área de publicações de arte contemporânea, é também galeria e faz venda de trabalhos originais, e está situada em Utah, estado americano cuja a capital é Salt Lake City. O artista assinou contrato no passado dia 31 de Agosto do corrente ano e doravante passa a integrar o leque de artistas da empresa que representa os melhores e mais distintos artistas deste estado Americano de Utah.

Nesta aproximação com o artista, o mesmo concordou em desenvolver uma série paralela ao momento em que o artista se encontra chamado Outra Descoberta da Cor. A descoberta

de novas matizes, dentro do processamento do espectro da mistura cor em si mesma, para que chegue a tonalidades únicas para uso no seu trabalho.

Hildebrando de Melo nasceu no Bailundo, Huambo. Vencedor do Prémio ENSARTE, na categoria Juventude e do Prémio Desenhos na Areia da Empresa Norsk Hidro, presente em colecções particulares, nacionais e internacionais. Tendo já exposto em Portugal, Estados Unidos da América, Alemanha e Angola.



Pesca fluvial no Lubolu e Kibala

Os ambundu do Kwanza-Sul, província angolana cercada por Luanda, Benguela, Huambo, Bié, Malanje, Kwanza-Norte e Oceano Atlântico, são tanto agro-pecuários, quanto caçadores e pescadores, actividades que melhoram a dieta alimentar, de si já rica, visto serem povos há muito sedentarizados.



SOBERANO KANYANGA

A pesca é feita, normalmente, em rios, visto inexistirem grandes chanas e lagoas na região. Rios como o Kwanza, Longa, Ñya, Phumbwiji, entre outros, oferecem variadíssimos peixes, alguns de grande porte. O ngwingui/phonde (bagre grande), olundu (bagre pequeno) ikusu/ikele (tilápia), otimpa, iriuriu, (tuqueia), phele (espécie de corvina), hala (caranguejo de água doce), entre outras espécies, abundam nas águas destas paragens.

Os povos Lubolu e Kibala pescam durante todo o ano, independentemente da estação, embora os meses de Julho, Agosto Setembro e Outubro, devido à baixa dos caudais, sejam os de maior aproximação do homem aos cardumes e concomitantemente os de maior captura. Mudam os meios ou instrumentos, em função do caudal e da estação. Os anzóis são usados em qualquer época do ano, quer como armadilha, quer como instrumentos de pesca imediata. A par dos anzóis, os ambundu do Lubolu e Kibala também usam as nassas (munjya/muzwa), cestos (kwalu) e composições de determinadas ervas que depois de trituradas são jogadas à água (kwimba) para entorpecer os cardumes que seguidamente são apanhados com os cestos. Esse tipo de pescaria é usado somente em pequenos rios ou trechos do rio isolados pela seca. Usa-se ainda a "tarrafa" através de arremesso de redes (wanda) e armadilhas de

redes. Quanto à produção dos instrumentos de pesca, os anzóis são normalmente de produção industrial, mas na sua ausência improvisam-se os de produção artesanal. Um pedaço de arame ou fio metálico, desde que maleável, serve de matéria-prima. A cana é normalmente um caniço improvisado e a linha é normalmente de nylon. As comunidades rurais e tradicionalistas desconhecem o uso dos carretos na pesca, embora usem as chumbadas. A garota aprecia acoplar à linha um objecto flutuante (casca seca de cabaça) que sinaliza sempre que o peixe pique a isca. Isso torna a pesca menos frustrante e sobretudo um exercício prazeroso e relaxante. Quanto à isca, esta é normalmente à base de minhoca, salalé (térmita), pedaços de carne, peixe miúdo e outros condimentos. As redes são feitas igualmente de nylon e de cordas silvestres (redes de arremesso) carregadas de esferas (matalhi/matadi) confeccionadas à base de argila cozida. As nassas e cestos são feitos à base de fibras de junco ou de palmeira.

Para o êxito da pescaria nocturna, os povos do Lubolu e Kibala jogam também com a posição da lua, pois acredi-



tam que "quanto mais luz houver, menor será o resultado da fainas".

Ao contrário da caça, a pesca é normalmente individual ou familiar (pai e filhos ou sobrinhos). Há ocasiões em que é realizada de forma colectiva. A aldeia ou parte dela organiza a pescaria e os proventos são repartidos de forma equitativa entre as famílias participan-

tes, compensando-se os menos afortunados. A sociedade rural, embora tenda a evoluir para o modelo patrilinear, vive ainda fortes resquícios do matrilinearismo, daí que o sobrinho ainda exerce grande influência e goza de regalias do tio (irmão da mãe) em relação ao filho. É ao sobrinho que ainda se contam os segredos e este vê igualmente o tio como o guardião das suas confidências e projectos. Aos cinco anos, os rapazes iniciam-se na pesca com instrumentos simples.

Arraiá Bem Brasil e Noite da Nostalgia do Uruguai

No mês do dedicado ao autor de "Havemos de Voltar" duas comunidades estrangeiras trazem para Luanda festas populares que estão enraizadas na sua cultura, "Arraiá" e "Noite da Nostalgia" respectivamente do Brasil e Uruguai. A primeira aconteceu na Fortaleza de São Miguel e a segunda no Palácio de Ferro.

ARRAIÁ BEM BRASIL

A Fortaleza de São Miguel mais uma vez foi espaço escolhido para a realização do "Arraiá Bem Brasil", o evento esteve inserido nas celebrações da 13ª edição, a Semana do Brasil e da Independência do Brasil. Targino Gon-

dim e quatro sanfoneiros brindaram o público apostando no forró um dos ritmos mais tradicionais do sertão nordestino. O artista que ao lado de Raimundo Sodré no ano passado esteve no primeiro Arraiá Bem Brasil regressou com o projecto Quinteto Sanfónico do Brasil, do qual é líder. Músicas como "Asa Branca", "Esperando na Janela", "Eu sou quero um Xodô" e outras que em Angola ficaram conhecidas na voz de artistas como Luis Gonzagas, Gilberto Gil, Dominginhos, Elba Ramalho e em novelas como Roque Santeiro, Lampião e Maria Bonita foram apreciadas no sertão que foi transformado o actual Museu das Forças Armadas. O Arraiá

acontece geralmente nas comemorações das tradicionais festas juninas, mas em solo angolano este ano foram transferidas para o mês de Setembro, segundo a organização porque em Junho os principais nomes do "Forró" têm a gente preenchida e optaram por estes dias para as celebrações do Brasil em Angola, por isto este "Arraiá fora de época". Na festa a música foi acompanhada por comidas típicas das festas juninas, confeccionadas principalmente com milho, mandioca e ginguba, bebidas e decoração especial, tudo no clima das festas juninas do Nordeste.

De salientar que o músico Gerson Castro e sua banda abriram, a actividade

brindando o público com temas nacionais e de outras paragens. Os brasileiros subiram ao palco depois de uma forte demonstração do ambiente festivo nordestino, com um mestre de cerimónia convidando os presentes para uma roda.

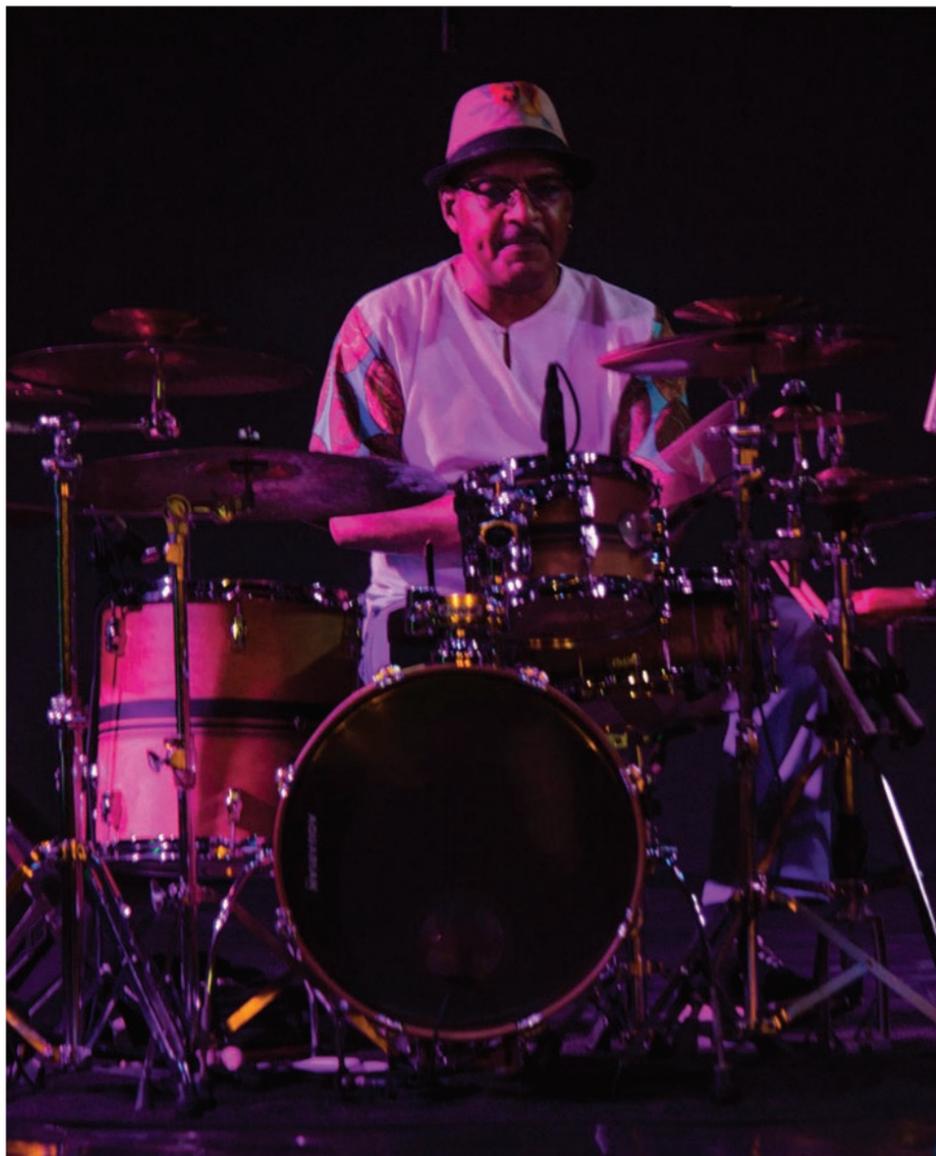
A produção da festa mostrou um certo desconhecimento da cultura angolana, afirmando desconhecer a existência de artistas angolanos que tocassem concertina e sugerindo que com este projecto, o Forró estava a entrar em Angola. Horácio Dá Mesquita e Raúl Tollingás executantes da concertina mostraram-se indignados com esta postura e questionam estes inter-

câmbios culturais. Targino Gondim é um músico e compositor brasileiro premiado e bastante reconhecido no norte e nordeste brasileiro por canções juninas, forró, baião, xote e outros ritmos nordestino. Estorou com "Esperando na Janela" Melhor cantor regional em 2010, sua canção que rendeu um Grammy em 2001 e foi a mais executada no Brasil em 2004. Gondim mudou-se para a cidade de Juazeiro na Bahia, aos quatro anos de idade e, oito anos depois, começou a tocar sanfona com o pai de forma que, já com dezoito anos, começou a apresentar-se em shows nas cidades interiores de Pernambuco. Seu primeiro sucesso na região se deu com "Até Mais Ver", no ano de 1994; isto o levou a se apresentar na televisão, ganhando maior projecção. Cinco anos depois Targino foi descoberto pela apresentadora Regina Casé e teve sua canção "Esperando na Janela" incluída no filme de 2000, Eu, Tu, Eles. Em 2001 apresentou-se na "Tenda Raízes" do festival Rock in Rio e em 2004 "Esperando na Janela" se tornou a música mais executada no Brasil. A canção já lhe rendera, em 2001, o Grammy Latino como melhor música brasileira. Além das composições próprias, Targino apresenta remakes de canções de Luiz Gonzaga e já gravou junto a artistas como Margareth Menezes, Elba Ramalho e Dominginhos; seu primeiro CD, em 2001, foi lançado pela gravadora "Geleia Geral", de Gilberto Gil. Em 2010 Gondim foi agraciado na 21ª edição do Prémio da Música Brasileira como o melhor cantor regional. Tem na forja um trabalho com Carlinhos Brown, Zeca Baladero, Gilberto Gil e outros nomes brasileiros. Em paralelo desenvolve o projecto Quinteto Sanfónico que reúne outros executantes deste instrumento.

QUINTETO SANFÓNICO DO BRASIL

Cinco sanfoneiros tocando clássicos de diversos ritmos, esta é a proposta do Quinteto Sanfónico que apresenta a união das sanfonas tocando em harmonia e em uma só forma. Os cinco integrantes e amigos que participam do projecto começaram os encontros em rodadas de sanfonas. "Destes encontros foram surgindo ideias e repertórios, fomos seleccionando as músicas mais queridas para tocar juntos", revela Targino Gondim que, junto com Cicinho de Assis, Geo Barbosa, Marquinhos Café e Renan Mendes, forma o grupo. A união destes artistas foi criada em 2013 na gravação do CD de Targino, "Sertão da Gente".

O projeto não se apega apenas a músicas tradicionalmente nordestinas. Nas apresentações são tocadas canções de ritmos como jazz, tango e chamamé. No repertório, canções como "Adios Nonino" (Astor Piazzolla), "João e Maria" (Chico Buarque de Holanda e Sivuca) e Wave (Tom Jobim). O Quinteto valoriza a tradição e a força da sanfona no Brasil. Nos shows são apresentadas outras possibilidades musicais com o instrumento que se toca abraçado. É possível verificar que cada



integrante tem uma peculiaridade, uma técnica e uma forma de tocar. Já foram feitas algumas apresentações em cidades do interior da Bahia, além do XX Festival de Música INSTRUMENTAL da Bahia e do Terceiro Festival Internacional da Sanfona.

URIGUAI UM POVO AMIGO EA SUA NOITE DE NOSTALGIA

Palácio de Ferro acolheu os convidados da representação diplomática, da Embaixada do Uruguai no âmbito do seu 193º Aniversário da Declaração da Independência num evento multicultural e trouxe uma das festas mais populares do seu país que é a "Noite da Nostalgia" para Luanda. Os grandes atractivos foram a exposição de fotografias sobre os direitos humanos internacionais, acompanhado com pratos típicos uma proposta dos condescidãos de José Alberto Mujica Cordano e Luiz Suarez e a parte angolana

Fundação Sindika Dokolo ofereceu a maravilha da cultura e arte angolana com música nacional da Banda Maravilha.

Moreira Filho, Marito Furtado, Miqueias Ramiro, Isáú Baptista, FM e Djanira Barbosa mostraram versatilidade e fizeram incursão a música moderna do Uruguai. A discoteca viajou pelas canções tradicionais uruguaias, como a Milonga, estilos afro-uruguaios e rasgos de Tango.

Por questões de agenda, a primeira edição da Noite de Nostalgia em Angola, aconteceu em Setembro e não a 24 de Agosto como é tradição no Uruguai. Com a realização da festa pretendem dar um impulso nas relações culturais entre os dois povos. Importar recordar que no passado, este país latino americano ficou conhecido com a emissão do programa radiofónico

"Uruguai um Povo em Luta".



A Noite da Saudade ("Noche de la Nostalgia"), realizada cada 24 de Agosto, é o maior evento do Uruguai no que se refere a saídas noturnas. Nessa data, organiza-se uma série de festas nos clubes, discotecas e barracas montadas especialmente para dançar a música de décadas passadas, "os oldies" para os uruguaios.

O movimento teve início em 24 Agosto de 1978, quando Pablo Lecueder, proprietário da emissora Radiomundo, organizou um baile de música oldies, identificada como os antigos sucessos das décadas de 1960 e 1970. Lecueder usou a véspera do feriado uruguaio de 25 de Agosto (Declaração da Independência), para criar um evento destinado a recordar e dançar os hits antigos.

A ideia inicial era sair para ouvir e dançar a música que permanece na lembrança popular, seja por causa de sua vigência, pelos cantores, pela letra ou por sua divulgação. Desde os primeiros dias de Agosto, as rádios transmitem estes sucessos e difundem a música "da saudade" que se identificou com os grandes astros como Elvis Presley, Bee Gees, The Beatles, Queen, Dire Straits, Barry Manilow e outros. Ao longo dos anos, foram incorporados também sucessos dos anos 1980 e 1990, pois, como diz Lecueder, o efeito de saudade começa dez anos após publicada a música.

Ao longo dos anos, empresários do entretenimento, grupos de amigos e diversas entidades começaram a fazer outras festas da saudade, a demanda cresceu e produziu eventos para públicos diversos, com preços variados, festas de reencontro, jantares bailáveis e até mesmo eventos anti-nostalgia, para aqueles que querem divertir-se nesta noite mas não se identificam com a música da saudade.

Hoje a festa se tornou um negócio lucrativo e uma das principais opções de diversão nocturna e de fonte de trabalho na área de restaurantes, discotecas, DJs, atendimento de garçons, catering, aluguel de locais para festas, serviços de segurança, iluminação, som e áudio, transporte, marketing e até mesmo "hotéis de alta rotatividade" com promoções especiais nesta noite.

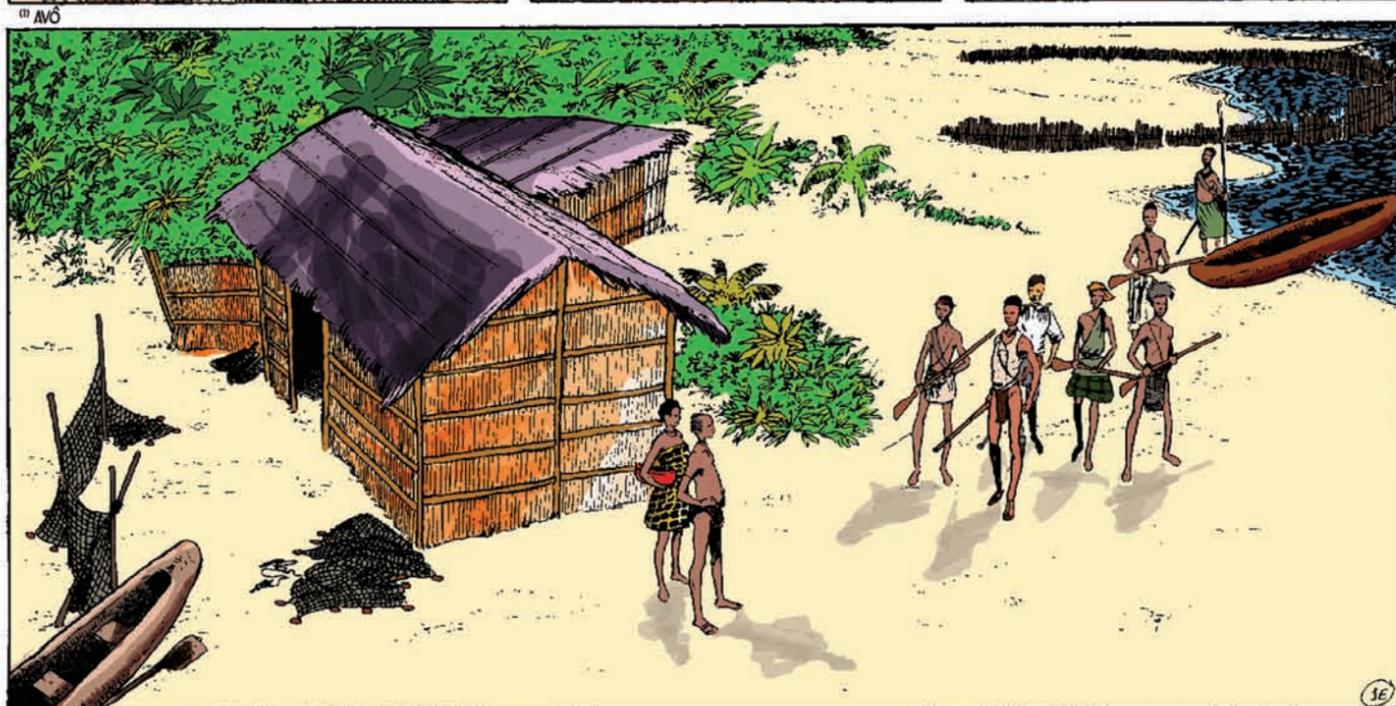
A Noite da Saudade gera tanto movimento como as festas de Natal e Ano Novo, pois convoca pessoas das mais diversas idades, solteiros e casados, para recordar velhos tempos. A saída de todos é facilitada por acontecer na noite prévia ao 25 de Agosto, feriado nacional no Uruguai. Inclusive o Ministério do Turismo divulga esta data no exterior como uma atracção turística nacional.

MASALA, O LEOPARDO

Nº 19

Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI



(1) SAÚDE PAI LEOPARDO DO ZAIRE.

(2) SAÚDE MAIS VELHO.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA

INSCRIÇÕES ABERTAS

NA CASA DAS ARTES



HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5



contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

Sisma Comics



CASA DAS ARTES